

A Ilha

CUBA E O PARADOXO DA

Enquanto o governo de Raúl Castro toma medidas que visam dinamizar a economia, parece não indicar nenhuma mudança na política ditatorial da ilha

Por João Previatelli

Passaram-se 52 anos desde que os movimentos revolucionários triunfaram sobre a ditadura comandada por Fulgencio Batista, no dia primeiro de janeiro de 1959. Cuba tem atualmente um alto índice de alfabetização e desenvolvimento humano, ocupando a 51ª posição no ranking da ONU, com uma expectativa de vida de 79 anos, na frente de países como o Brasil, que ocupa somente a 84ª. A saúde é referência no mundo e os níveis de desemprego e desigualdade social diminuem a cada ano. Entretanto, a ilha está longe de ser um paraíso para seus habitantes.

A história de exploração em Cuba começa quando, em 1492, Cristovão Colombo aportou na ilha que seria utilizada como colônia produtora de monoculturas para a Espanha até 1898, ano em que a ilha proclamou sua independência com a intervenção dos Estados Unidos. Entretanto, só em 1902 foi proclamada a república em Cuba, quando mesmo assim manteve-se sob forte influência norte-americana graças à emenda Platt, que permitia intervenções políticas e limitava a soberania nacional.

Durante os 57 anos que separam a independência cubana da revolução, os Estados Unidos mantiveram o mesmo sistema imperialista desempenhado pela Espanha. Seu principal líder político foi Fulgencio Batista, que ocupou a presidência entre 1940 e 1944 e de 1952 a 1959 como ditador, tendo seu governo marcado pela corrupção, repressão violenta aos opositores, insatisfação popular e em tornar Cuba um paraíso para o turismo, principalmente para norte-americanos que procuravam um país onde a prostituição, o uso de drogas e o jogo em cassinos eram liberados.

A revolução cubana, que tinha entre seus líderes, importantes ícones da esquerda mundial, como Fidel e seu irmão Raúl Castro, “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos, tinha como principais objetivos acabar com o imperialismo norte-americano, realizar a reforma agrária e melhorar as condições de vida de grande parte da população, praticamente analfabeta e carente de políticas públicas. O processo não era oficialmente socialista desde o seu início, apresentando apenas algumas diretrizes, como por exemplo a nacionalização das indústrias.

Entretanto, o processo apresentou diretrizes ditatoriais desde seu início, quando foram massacrados não só os torturadores e militares. Jorge Alonso, que veio para o Brasil há cinco anos pela oportunidade de sair do país (grande parte dos cubanos nunca saíram da ilha) e por melhores condições de vida, via de perto essa diferença: “Durante uma das crises, eu me lembro de um colega chamado Cabeção, que era órfão de pai e vivia com a mãe. Ele comia um pão de manhã e guardava o do almoço para jantar. O resto do dia ele comia o que a gente dava pra ele. Já outra



Os irmãos Castro enfrentam o desafio das mudanças rumo a um futuro incerto

amiga, que o pai era um militar aposentado de alta patente na marinha, e olha que os militares se aposentam com 45 anos, a mãe já havia reclamado porque só tinha presunto para comer a uma semana. É a mesma coisa que aqui, no Brasil. Lá existe trabalho, mas o salário é muito baixo. O cubano vive com o mínimo necessário para sobreviver, ele sobrevive.”

Controle na ilha socialista – A comunicação da ilha é controlada pelo governo de forma que grande parte de seu conteúdo é propagandista da revolução e divulga uma imagem deturpada de mundo. Qualquer opinião contrária a revolução é tratada como uma opinião contrária a pátria em si, provocando uma eficiente descentralização e marginalização de qualquer movimento que comece a se mobilizar. “As ditaduras precisam de inimigo. Um externo para assustar e um interno para temer. Lá, opinar contra o governo é o mesmo de ir contra a pátria. Você pode até sair gritando o que quiser na rua, o problema é quando as pessoas começam a te seguir, tanto que há fenômenos típicos de uma ditadura, como a dupla moral: uma para mostrar em casa, outra na rua”, disse Jorge Alonso.

As décadas de 50 a 90 ficaram marcadas pela disputa hegemônica entre as duas grandes potências mundiais que emergiram da segunda guerra mundial, a União Soviética e os Estados Unidos. Com as diretrizes socialistas da revolução e o ataque aos investidores capitalistas, houve um alinhamento quase natural entre Cuba e os soviéticos, que passaram a ser o principal destino das mercadorias produzidas, além da ajuda financeira que enviavam à ilha.

O embargo financeiro, econômico e comercial, que vigora até hoje, é um resquício das decisões impostas pelo Estados Unidos nesse período. Em 1960, o então presidente norte americano, Dwight Eisenhower reduziu drasticamente a importação do açúcar cubano, como resposta as nacionalizações em curso na ilha. A União Soviética ofereceu pelo excedente um alto preço, favorecendo o governo revolucionário. Um ano depois, os

Estados Unidos rompeu as relações diplomáticas com a ilha. O sucessor de Eisenhower, John Kennedy, ampliou as restrições, principalmente após a “Crise dos mísseis”.

Com as imposições econômicas vigentes, a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética na década de 90, as condições de vida do povo cubano foram deteriorando gradativamente, emendando uma crise na outra.

Novos rumos – Fidel Castro concentrou todo o poder político em Cuba até 2006, quando, com a saúde debilitada, se afastou do governo, deixando seu sucessor e irmão Raúl Castro como presidente interino. Dois anos depois, assumiu oficialmente o cargo. Mas a transferência total de poder só veio no ano de 2011, quando Fidel renunciou ao comando do Partido Comunista Cubano (PCC), cargo que ocupou durante 46 anos no único partido oficialmente reconhecido na ilha. Ironicamente, assim como nas ditaduras e monarquias, o poder permaneceu na família.

Desde que Raúl assumiu, estão em curso reformas políticas e econômicas que visam eliminar gradativamente as restrições impostas pelo governo à população cubana. Alguns exemplos são a comercialização de propriedades privadas como carros e casas, a concessão de créditos para empresários e agricultores e a permissão para que estes comercializem diretamente seus produtos sem a intervenção estatal, ambas as medidas tomadas em 2011. Na política, a principal mudança seria a entrada de novos dirigentes no governo e no partido.

Entretanto, a opinião populacional se divide em relação às mudanças. Em contrapartida as reformas propostas por Raúl, Barack Obama manteve o antigo e conservador discurso para tentar justificar a continuidade do embargo e outras restrições a Cuba: “se virmos um movimento positivo, responderemos de forma positiva.” Para Jorge, que saiu de Cuba antes da implementação de grande parte das medidas, “não aconteceu mudanças. As mesmas pessoas continuam no poder. Antigamente o estado era como um pai, agora é cada um por si.